

Imagens machadianas: viagem em torno do centro do Rio de Janeiro

Vera Casa Nova | UFMG

Resumo: *Este ensaio faz uma viagem com os narradores de Machado de Assis pelos principais pontos do centro da cidade do Rio de Janeiro.*

Palavras-chave: *imaginário e viagem ao centro do Rio de Janeiro.*

Foi relendo o romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, que resolvi fazer uma viagem em torno do centro do Rio de Janeiro. Eis o *punctum* da fotografia em texto que me levou a tal viagem:

Daquela vez, teve a fortuna de encontrar o Major Siqueira.

– Ia agora mesmo à sua casa, disse-lhe; vai para lá?

– Vou; mas já não estamos na mesma casa; mudamo-nos para os Cajueiros, Rua da Princesa...

– Seja onde for, vamos. (Assis. *Quincas Borba*, p. 792)

– Pois então? Continuou Siqueira, voltando-se para Rubião. Vá, dobre a Rua de S. Lourenço, e caminhe direto para o Campo. Adeus, até amanhã. (Assis. *Quincas Borba*, p. 794)

A rua da Princesa era como se chamava a rua onde eu morava, a rua Barão de São Félix, no bairro da Gamboa, também chamado de Saúde. Tocada, assim, por esse sentimento de saudade do Rio de Janeiro, resolvi, então, passear por alguns dos pontos aos quais os narradores de Machado de Assis me levariam.

Machado faz a cultura e a história do Rio de Janeiro acontecerem em sua ficção. Cada rua, cada bairro, cada canto, praia ou praça (largo) são representativos e representam as formações histórico-político-sociais do povo carioca daquela época.

Entre história, cidade e ficção há uma trama bem urdida, onde as relações se estreitam e as imagens se sucedem, construindo um traçado tão rico quanto as próprias narrativas desse autor. A cidade do Rio de Janeiro torna-se uma personagem, cujo corpo passa de obra a obra, construindo-se pela via imaginal de narradores e personagens.

Essa viagem, a que me propus como ensaio, fará o percurso em torno do centro do Rio, através de excertos variados de contos e romances. Sob forma de uma cartografia escrita e inscrita em seus textos, o Rio vai sendo fotografado em fragmentos, revelando-se um texto topográfico. Topográfico é o texto escrito. Topológico é o meu olhar, que se junta ao de Machado nessa maratona do vai-e-vem da cidade vista como linguagem, ideologia, gesto e mentalidade, dentro e fora da narrativa.

Assim começa minha viagem, traçada por Machado de Assis, mas acontecida a partir de minha experiência de carioca.

Descendo o morro do Livramento, onde Machado nasceu, passando pelas ruas da Gamboa ou Saúde, pelos Cajueiros e chegando ao Campo da Aclamação (Campo de Santana), ou descendo pela praia do Valongo até chegar à rua da Alfândega, o centro do Rio vai sendo representado como verdadeiro atrator de fluxos onde se agregam as famílias cariocas. Em torno desses fragmentos de cidade é que os narradores e seus personagens constroem seu *modus vivendi*, sua moral, sua ética, seu estar-no-mundo. A visibilidade da cidade oculta o não-dito. Aquilo que é só murmurado por Machado e aquilo que a cidade vai compondo com sua voz em seus espaços.

Matias, cônego honorário e pregador efetivo, estava compondo um sermão quando começou o idílio psíquico. Tem quarenta anos de idade, e vive entre livros e livros, para os lados da Gamboa. (Assis. O cônego ou metafísica do estilo, p.570).

Eis a Gamboa. Rua ou bairro, ela é citada inúmeras vezes pelos narradores de Machado. Os sobradões portugueses e a Igreja de Santo Cristo dos Milagres ainda hoje marcam aquele espaço urbano, onde moravam alguns de seus personagens.

Venho descendo e entro na rua dos Cajueiros, encontrando lá o narrador Brás Cubas, que fantasticamente me introduz na narrativa. Nos Cajueiros morava a linda Marcela, uma espanhola por quem o jovem Brás Cubas perde a cabeça, quase arruinando o pai com caros presentes que lhe dava. Foi lá pela primeira vez levado por um tio, para uma ceia de moças...

Três dias depois, perguntou-me meu tio, em segredo, se queria ir a uma ceia de môças, nos Cajueiros. Fomos; era em casa de Marcela. (Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p.531).

Vou seguindo adiante. Entro no Campo da Aclamação, ou melhor, no Campo de Santana. Ali a cidade torna-se uma entidade histórica e, ao mesmo tempo, um sistema de informação histórica. O Campo de Santana foi Aclamação a D. Pedro I. Com a República, passou a se chamar Praça da República. A história explica o nome. Razão comemorativa e didática.

As distâncias são longas, mas, fragmentadamente apresentadas através da narrativa, elas ficam curtas no tempo e no espaço, parecendo simples anotações de cenário. Por outro lado, não podemos esquecer que o indivíduo/personagem machadiano move-se pelas ruas do Rio obedecendo a uma série de impulsos inconscientes, hábitos, desejos, justificados ou não pelos narradores.

A corte divertia-se, apesar dos recentes estragos do cólera -; ... ia-se ao teatro... Eram os tempos homéricos do teatro lírico; a quadra memorável daquelas lutas e rivalidades renovadas em cada semestre. Quem não ouviu falar das batalhas feridas naquela clássica platéia do Campo da

Aclamação, entre a região casalônica e a falange chartônica, mas sobretudo entre esta e o regimento lagruísta? (Assis. *A mão e a luva*, p.202).

À dimensão local junta-se, então, a dimensão histórica da cidade: das estórias sobre legiões e tropas, que Machado conta nesse mesmo capítulo, com a verve popular de carioca. O Campo da Aclamação foi assim chamado

como prova de apreço ao fato histórico de 7 de setembro e para perpetuar por um modo público a lembrança do lugar em que recebeu D. Pedro I dos seus fiéis súditos tão agradáveis provas de respeito e afeição. (Berger, 1974: 113).

Nesse meu passeio pelo Rio de Machado de Assis, saio da Aclamação com suas histórias e pego a minha esquerda, entrando pela rua da Alfândega.

É de saber que tenham decorrido oito meses desde o princípio do capítulo anterior, e muita coisa estava mudada. Rubião é sócio do marido de Sofia, em uma casa de importação, à rua da alfândega, sob a firma Palha e Comp.a. (Assis. *Quincas Borba*, p. 700).

Ou ainda Mestre Romão, o músico: jantou, saiu, caminhou para “a Rua da Mãe dos Homens onde reside com um preto velho.” (Assis. *Cantiga de esponsais*, p.387).

Esse também era o nome da rua da Alfândega, quando Machado de Assis em 1883 escreveu “Cantiga de esponsais”. Alfândega, rua onde as repartições aduaneiras se instalavam. Palha e Rubião participam do frenesi da riqueza, do poder e da glória, assim como da decadência econômica. Ali, na rua da Alfândega, os personagens criam esse imaginário.

Na narrativa machadiana, a imagem é cultura, a imagem faz cultura. Nomeando os espaços por onde transitam as personagens, o narrador vai constituindo a memória urbana, ao lado das determinações dos comportamentos, a partir do enredo e do meio social, modelando esse meio em função dos comportamentos.

Chego, então, à rua do Ouvidor e à rua Gonçalves Dias pela voz do narrador de *Ressurreição*, no cap. 8.

A notícia do próximo casamento de Félix com Livia foi divulgada por Viana na *rua do Ouvidor*, esquina da *rua Direita*. Daí a dez minutos chegara à *rua da Quitanda*. Tão depressa correu que um quarto de hora depois era assunto de conversa na esquina da *rua do Ourives*.

Não só a notícia se espalhava rápido. Rápido também era passar de uma a outra rua (citada) nessa cidade.

A rua do Ouvidor Manuel Amaro Pena de Mesquita Pinto, do Ouvidor Francisco Berquó da Silva Pereira. Rua da Quitanda, do Açougue Velho, da Quitanda dos Pretos; a rua Direita (1° de março) que acompanha a linha curva da praia:

Rua direita em direitura a determinado ponto, caminho direto, conforme a tradição vigente na toponímia urbana de Portugal, onde diversas cidades conservam ainda suas ruas direitas, geralmente tortuosas. (Bereger 1974: 107).

Ruas do centro da cidade, das procissões festivas e área do comércio inglês ou francês na corte e de moda francesa. Espaço de compras e vendas de mercadorias, encomendas vindas da Europa. A Notre Dame de Paris ficava na rua do Ouvidor. Era uma loja de roupas e tecidos que até a década de 50 deste século ainda ditava a moda.

Perto do porto do Rio, perto de Liverpool. A modernidade das elites tinha seus tons tropicais.

Desenhava-se a representação de uma sociedade rural francesa que aparecia como um paradigma de civilidade para a sociedade tropical e escravagista dos campos do Império Impresso em Paris, e publicado pelo editor francês Garnier, estabelecido no Rio e sócio da editora parisiense, de mesmo nome, o *Jornal das Famílias*, cheio de gravuras coloridas francesas e, freqüentemente, de contos de Machado de Assis, combinava costumes franceses com a cultura local. (Alencastro, 1997: 11).

Saio, então, da Direita e entro na rua do Ourives (Rua Miguel Couto).

(...) recorri a um derradeiro empréstimo; fui à Rua dos Ourives, comprei a melhor jóia da cidade, três diamantes

grandes encastoados num pente de marfim: corri à casa de Marcela. (Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p.536).

Ou ainda no romance *Quincas Borba*:

O acaso, em vez de levá-lo pela rua do Ouvidor abaixo até a da Quitanda, torceu-lhe o caminho pela dos Ourives, atrás do préstito. Não iria ver a execução, pensou ele; (...). Eis o réu que sobe à fôrca. Passou pela turba um frêmito. O carrasco pôs mãos à obra (...)." (Assis. *Quincas Borba*, p.677).

O enforcamento presenciado por Rubião mostra a rua do Ourives como cenário de uma situação urbana, a da repressão, e resgata a memória do comparecimento dos ourives de seis em seis meses à Intendência Geral do Ouro para fiscalização, indicando, por isso, o local onde deveriam residir e estabelecer oficinas. Marcas do controle social daquela época.

Ainda no percurso de leitura da cidade, o narrador de *Quincas Borba* me leva ao Largo do Paço (Praça 15).

Foi no Rio de Janeiro, começou ele, defronte da Capela Imperial, que era então Real, em dia de grande festa; minha avó saiu, atravessou o adro para ir ter à cadeirinha, que a esperava no Largo do Paço. Gente como formiga. O povo queria ver entrar as grandes senhoras nas suas ricas traquitanas. (Assis. *Quincas Borba*, p.644).

Emerge da narrativa uma série de valores simbólicos que os dados visuais do contexto urbano assumem em cada personagem, como também significados que a cidade assume para cada um deles.

Passemos agora por Matacavalos. É só escolher: se ando em direção à rua Matacavalos ou caminho para a zona sul, indo pelo Passeio Público até a Praia da Glória ou mesmo do Russel.

Se continuo a ler *Memórias póstumas de Brás Cubas*, vou por Matacavalos:

Bebeu o último gole de café; repotrou-se e entrou a falar de tudo, do senado, da câmara, da Regência, da restaura-

ção, do Evaristo, de um côche que pretendia comprar, da nossa casa em Mata-cavalos... (Assis. *Memórias póstumas de Brás Cubas*, p.546).

Ainda no trecho de *Dom Casmurro*, o inesquecível excerto de Bentinho-narrador:

Agora, por que é que nenhuma dessas caprichosas me fez esquecer a primeira amada do meu coração? Talvez porque nenhuma tinha os olhos de ressaca, nem os olhos de cigana oblíqua e dissimulada. Mas não é este pròpriamente o resto do livro. O resto é saber se a Capitu da Praia da Glória já estava dentro da de Mata-cavalos, ou se esta foi mudada naquela por efeito de algum incidente. (Assis. *Dom Casmurro*, p.942).

Engano meu. A opção sendo mesmo a zona sul, tanto a Matacavalos (rua do Riachuelo) como o Passeio Público me levam lá. Mas acabo mesmo indo pela Matacavalos só para ter que passar no Largo da Lapa – nos Arcos.

Roído pela desconfiança de que Ezequiel não é seu filho, Bentinho resolve matriculá-lo em um colégio para ver-se longe dele: “Fui eu mesmo que o levei um dia de manhã, uma segunda-feira. Era no antigo Largo da Lapa, perto da nossa casa...” (Assis. *Dom Casmurro*, p.931).

Nossa Senhora da Lapa me recebe em sua igreja e logo depois, indo em direção ao mar, às praias, vejo o Outeiro da Glória.

Mandar dizer cem missas, ou subir de joelhos a Ladeira da Glória para ouvir uma... tudo o que as velhas escravas me contavam de promessas célebres, tudo me acudia sem me fixar de vez no espírito. (Assis. *Dom Casmurro*, p.934).

Continuo meu caminho...

Hoje, vindo da cidade para casa, passei por esta, e dei comigo no Largo do Machado (...). A poucos passos, duas senhoras pareciam fazer a mesma cousa. Voltaram-se, eram nada menos que Fidélia e D. Carmo... Vim para o lado do Catete... (Assis: *Memorial de Aires*, nota de 7-4-1888, p.1113).

Ao invés de descer Catete, a rua, como fez Aires, resolvi subir a rua das Laranjeiras, mas cito a passagem do *Memorial* e também a de *Esau e Jacó*, pelas notações histórico-culturais que aí são apresentadas:

No Catete, o coupé e uma vitória cruzaram-se e pararam a tempo. Um homem saltou da vitória e caminhou para o coupé. Era o marido de Natividade, que ia agora para o escritório... pensando nela e nos negócios da praça, nas meninas e na Lei Rio Branco (...) na cabocla do Castelo e no que teria dito à mulher... Ao passar pelo Palácio Nova Friburgo (Palácio do Catete), levantou os olhos para ele com o desejo do costume, uma cobiça de possuí-lo, sem prever os altos destinos que o palácio viria a ter na República: mas quem então previa nada? (Assis. *Esau e Jacó*, p.959).

Ou ainda:

O que me lembrou esta data foi, estando a beber café, o pregão de um vendedor de vassouras e espanadores! Vai vassouras! Vai espanadores! Costumo ouvi-lo outras manhãs, mas desta vez trouxe-me à memória o dia do desembarque, quando cheguei aposentado à minha terra, ao meu Catete, à minha língua. (Assis. *Memorial de Aires*. nota de 9-1-1888, p.1095).

Volto ao meu caminho. Andei demais. Subo a rua, chego ao bairro das Laranjeiras:

Naquele dia – já lá vão dez anos! – o Dr. Félix levantou-se tarde, abriu a janela e cumprimentou o sol. O dia estava esplêndido; uma fresca bafagem do mar vinha quebrar um pouco os ardores do estio (...). Chilreavam na chácara vizinha à casa do doutor algumas aves afeitas à vida semi-urbana, semi-silvestre que lhes pode oferecer uma chácara nas Laranjeiras (...). (Assis. *Ressurreição*, p.115).

Vou até o Cosme Velho visitar a casa do velho Bruxo, não mais com seus narradores ou personagens. Saio da ficção, mas as vozes ainda me acompanham. A casa está fechada. Penso no *Kairós*, num tempo que não se



1906, Praça da República, Rio de Janeiro – Fotografia de Augusto Malta
O Rio de Janeiro do Bota-abixo. Rio de Janeiro: Editora Salamandra, 1997.



RUA DO OUVIDOR N. 39, CANTO DA DO CARMO.
 Grande sortimento de roupa feita, casacas, sobrecasacas, paletos de panno huo e de casimira preta, calças, colletes, ceroulas, camisas, gravatas, collarinhos, jaquetas de alpaca, merino e panno; cortes de colletes, cachemierenne, fustão e seda branca bordada, lenços de seda branca, proprios para casamento e soirées; robes de chambre de seda

A LA BELLE AMAZONE,
 RUA DO OUVIDOR N. 82

PALAISNE,
 faz vestidos de senhoras para montar a cavallo, muito bem feitos e com toda a delicadeza; tem sempre um grande sortimento de roupa feita, e muitas fazendas para fazer qualquer obra de encomenda, como passos, casimiras pretas e de côres, mezeres, brins brancos e de côres, cortes de seda para colletes, fustões brancos e de côres lisos e bordados, proprios para montar a cavallo, ditos de seda para homens, ditos se-



ALFAIATE,
 feitos para meninos, de castor, branco e de côres. Tem igualmente um lindo sortimento de chabres de sedas adamascadas forrados de seda, ditos de ganço e de chita, poainas de casimira pretas e de côres, gravatas de seda e de castor, chapos e boina de palha para meninos, e muitas outras feições.
 N. B. Nesta casa acham-se sempre um grande sortimento de vestuaria para meninos desde a idade de 3 ate 14 annos, e de toda os gostos e

FAZENDAS FRANCEZAS.

A NOTRE-DAME-DE-PARIS,
 Rua do Ouvidor, N.º 455.
CAZAUX DECAP & Cia.
AS FAZENDAS
 de seda trazidas ultimamente de Paris pelo Sr. Cazaux, as quizes foram admittidas á exposiçao universal de Londres, estarão expostas á vista do publico no armazem de Notre Dame de Paris, hoje das 6 ás 8 horas da noite.

finaliza, mas que se vive no presente. Um eterno presente, eis a que a imagem me convida. As imagens do Rio, trazidas pela narrativa machadiana. O Rio antes do “Bota-abaixo”.¹

Um *illud tempus*, um tempo que é tanto hoje como ontem. O tempo do mito que algum espaço urbano mantém. O tempo do mito que não se sabe conceituar, pois é portador de imagens (G. Durand).

Simultaneamente ficção, história e mito, as imagens que lhe servem de suporte me religam à minha cidade, acentuando a vivência em sua atualidade e quotidianidade.

A imagem do Rio como um corpo-cidade fragmentado em várias narrativas de Machado, pano de fundo ou cenário, constitui-se em trajeto não só histórico-cultural, mas também antropológico.

O espaço urbano percorrido por Machado de Assis em sua obra, através de monumentos, praças, ruas, é também o *genius loci*. Gênio que lhe é dado pelas construções imaginárias, seja pela história ou pela cultura, memórias escritas no tempo e no espaço através da narrativa.

1. Referência ao livro *O Rio de Janeiro do Bota-abaixo*, com fotos de Augusto Malta, texto de Marques Rebelo e Antônio Bulhões. Rio de Janeiro: GMT, 1997, de onde reproduzi as fotos em anexo deste ensaio.

A ficção machadiana, vista aqui pelo recorte de uma topografia, através de imagens do Rio de Janeiro, expõe essa cidade como um estado de espírito que fez de Machado seu escritor, mostrando como a materialidade de um espaço é atravessada por um conjunto de imagens que lhe dá sentido.

Espaço urbano e imaginário se ligam para a construção da memória do Rio e seus habitantes, modelados, eles também, por essa cidade, em seu cotidiano vai-e-vem.

Assim,

A nossa vida era mais ou menos plácida. Quando não estávamos com a família ou com amigos, ou se não íamos a algum espetáculo ou serão particular (e estes eram raros) passávamos as noites à nossa janela da Glória, mirando o mar e o céu, a sombra das montanhas e dos navios, ou a gente que passava na praia. Às vezes eu contava a Capitu a história da cidade (...) (Assis. *Dom Casmurro*, p.908)².

Abstract: This paper takes a trip downtown Rio de Janeiro from the narration of Machado de Assis.

Key words: imaginary and narrativity

Referências Bibliográficas

- Alencastro, L.F. Vida privada e ordem privada no Império. In: *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1997. v.2.
- Assis, Machado de. *Obras completas*. v.1 e 2. Rio de Janeiro: Aguilar, 1962.
- Berger, P. *Dicionário histórico das ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Olímpica, 1974.
- Rebelo, M. & Bulhões, A. (fotografias de Augusto Malta.) *O Rio de Janeiro do Bota-abaixo*. Rio de Janeiro: GMT, 1997.

2. Os excertos dos romances e contos aqui citados são das *Obras Completas* de Machado de Assis, vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Editora Aguilar, 1962.